



Moléculas se revelam eficazes no combate às células de câncer

Substâncias foram desenvolvidas por alunos de Mestrado em Química

Pesquisa realizada pela professora Camilla Buarque em tese de doutorado serviu de base para o desenvolvimento de duas dissertações. A primeira é do mestre em Química Jhony Maurício

Cifuentes e apresentou resultados positivos no tratamento da leucemia. Um outro estudo, da também mestre em Química Joseane Alves Mendes, originou um composto que mostrou ser

eficaz quando verificado em células do câncer de mama. Novos testes serão feitos na próxima etapa do estudo e, posteriormente, haverá ensaios em humanos. A molécula LQB-223, elaborada

por Camilla, é o carro-chefe do Laboratório de Síntese Orgânica. Em testes, a substância superou o Mecanismo de Resistência a Múltiplas Drogas, conhecido como MDR. **PÁGINA 5**

MATHEUS SALGADO



PÁGINAS 6 E 7

Baía sem o legado dos Jogos

Solução para especialistas é sanear todos os municípios do entorno

A filosofia para refletir o mundo atual

Novo diretor do Departamento de Filosofia, professor Luiz Camillo Osorio comenta como a filosofia é um instrumento fundamental para revisar e orientar o pensamento sobre a atualidade. Ele tomou posse no dia 8 de março. **PÁGINA 3**

Olhar crítico no uso da internet

O excesso de informação que existe na internet pode, algumas vezes, induzir o usuário ao erro. Professores afirmam que, por isto, é necessário ter uma visão crítica do material e checar se uma fonte é ou não confiável. **PÁGINA 4**

Curta de ex-aluno em Cannes

Escrito e dirigido pelo ex-aluno Victor Fiuza, o curta-metragem *Os Olhos de Cecília* será exibido em maio, no Festival de Cannes. O projeto, que é uma produção independente, começou a ser desenvolvido por ele e outros ex-alunos durante o curso de Cinema. **PÁGINA 10**



DIVULGAÇÃO

No filme, Cecília tem problemas visuais e mora na periferia do Rio

Cinema Odeon completa 90 anos

Espaço célebre da antiga Broadway brasileira faz aniversário e mostra que ainda é possível manter salas de rua em uma cidade grande como o Rio de Janeiro no século XXI. **PÁGINA 9**

REITOR

Em artigo, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., assinala que vivemos um momento histórico importante para a correção de desvios. Ele afirma que nesses momentos é importante encontrar consenso e diálogo, fundamentais para que a paz vença os conflitos. **PÁGINA 2**

REITOR

Momentos de diálogo e consenso



Estamos vivendo momentos em que os extremos parecem ganhar forças, esquecendo a importância do processo de maturidade de algumas instituições brasileiras, e o papel relevante das mesmas para a democracia, o estado de direito e a primazia da busca da verdade, sendo esta última uma máxima da ética cristã. É natural que este processo venha acompanhado de acertos e desacertos, de exageros e imprudência, de emoções e inconformismos, entre outros, porém, não podemos negar que temos um momento histórico importante para a correção de desvios, de esclarecimentos sobre as apropriações indevidas dos recursos públicos, e de críticas sobre as posturas antiéticas de pessoas e instituições. Mesmo não sendo democraticamente o ideal, é natural que, diante das fragilidades de determinados poderes da República, outro poder tenha, em determinado momento, uma projeção maior, prescindindo de opções partidárias e midiáticas, zelando pelos valores que plasmam o ethos de uma sociedade multicultural, e por aquilo que reza os preceitos constitucionais. Não se pode atribuir atitudes golpistas aos órgãos de governos que zelam pela busca da verdade e da justiça, procurando trazer à tona os meandros obscuros da corrupção, dos interesses políticos e da falta de transparência com

os recursos que advêm do sacrifício do povo. Por outro lado, temos que zelar pela conquista da democracia, não permitindo retrocessos naquilo que foi galgado no diálogo e respeito pelas diferenças.

Nestes momentos politicamente conturbados, o cinismo, a fúria, a vingança, o confronto radical e a polarização política não são os melhores sentimentos, mas, ao contrário, deveríamos crescer no debate civilizado, na busca objetiva dos fatos, no discernimento inteligente, no respeito pelas diferenças e na busca de consenso, pois somente assim encontraremos saídas para a crise em que estamos mergulhados. É o momento de suscitar lideranças jovens e adultas, inteligentes e experimentadas, ousadas e corajosas, para conduzir os novos anseios de uma sociedade diferente de duas décadas atrás, tendo diante dos olhos um contexto diverso, em que o mundo digital, a descrença dos modelos políticos tradicionais e o desejo de algo inovador são hoje características fundamentais de nossa atual realidade. Os radicalismos e os populismos, embora ainda existentes, vão aos poucos perdendo força na sociedade brasileira, mostrando um claro sinal de que o processo democrático está progressivamente se consolidando e amadurecendo as instituições de nosso país. Insis-

tir nestes dois aspectos, que outrora estiveram muito presentes na política brasileira, é tentar renascer algo que já não corresponde à realidade de um país que, mesmo diante de uma circunstância política e econômica complexa e difícil, tem procurado diminuir as desigualdades, alimentar o enorme potencial criativo do povo, reconhecer os direitos das minorias e manter a credibilidade no cenário internacional. Na grandeza do Brasil não há espaço para as posturas de republiquetas e retrocessos democráticos, tanto em nível local como nacional, embora tenhamos de corrigir, em alguns poderes da República, as contradições e os conchavos pessoais e partidários que impedem o bom andamento das questões mais relevantes para o país.

Uma sociedade que prega a construção de uma cultura de paz, o respeito pela diversidade, o zelo pelo multiculturalismo, a liberdade de expressão, uma maior justiça distributiva e uma sensibilidade mais efetiva pelos direitos humanos certamente saberá, nestes momentos difíceis, encontrar consenso e diálogo, pois estes são valores éticos fundamentais para que a paz vença os conflitos, o amor supere a violência e o radicalismo dê lugar à reconciliação.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

O desafio dos próximos anos

Todo curso universitário tem disciplinas ligadas à ética. E já na escola, desde cedo, se trata de valores como honestidade e justiça. Mas no contexto de hoje, com crianças e até mesmo com jovens, está cada vez mais difícil tratar desses temas.

Na escola, o professor lê uma fábula com crianças e comenta a «moral da história», dizendo que a Verdade sempre vence. Mas o aluno responde que, se lermos o

jornal do dia, a realidade não é bem assim.

Os pais, em casa, têm dúvidas sobre como explicar aos filhos a inversão do certo e do errado, o tamanho e as consequências dos “malfeitos” de lideranças de governos, partidos e empresas.

Independentemente de preferências partidárias, nosso desafio comum, a partir de agora, é reconstruir a ética de uma nação. Isso vai além da educação de casa e de cur-

sos ou disciplinas específicas. Passa pelo compromisso com princípios e valores que pautem nossa conduta nacional e pessoal. Somando forças e dando o exemplo, em cada sala de aula de cada escola e de cada universidade, podemos contribuir para formar os profissionais íntegros e honrados que construam o novo país.

■ ANDREA RAMAL
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

250 anos de PUC-Rio

250 anos de PUC-Rio

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO/ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



Operários trabalham na construção do Edifício Cardeal Leme (1953)

Há seis anos a seção Crônicas de Memória se faz presente no cotidiano da comunidade universitária ao retratar a PUC-Rio em diferentes perspectivas. Das colunas da PUC-Rio, tema de 2010, aos 450 anos do Rio de Janeiro, série de 2015, as crônicas buscaram estender pontes físicas e simbólicas que conectassem a Universidade com a cidade e o mundo que a desafiam. No exercício aqui proposto, palavras e imagens entrelaçam-se na criação de narrativas de memória que evocam em cada um de nós, lembranças sensíveis e um sentido de pertencimento.

Como sugere a foto escolhida para esta crônica – e muitas das imagens aqui publicadas –, a construção do espaço físico da PUC-Rio, uma das dimensões deste sentido de pertencimento, é algo fácil de documentar. Mas há uma dimensão mais sutil, de outra escala que não a da arquitetura e da natureza, e que se refere à construção do cotidiano, o

tempo miúdo do dia-a-dia. Nesta dimensão, a PUC-Rio tem muito mais que 75 anos e muitas outras memórias que não somente as institucionais. Como na foto, diferentes personagens atuam na construção das relações cotidianas que tornam os espaços físicos e simbólicos da Universidade plenos de funções e significados.

Em 2016, a coluna Crônicas de Memória pretende homenagear cinco destes personagens que completam 50 anos de PUC-Rio. São trajetórias únicas e também representativas de diferentes origens geográficas, formações profissionais, talentos e competências. Com eles, são homenageados também todos aqueles que, com seu empenho profissional e pessoal, ajudaram e ajudam a tecer na trama do cotidiano a memória, a identidade e o projeto de pioneirismo e excelência desta Universidade.

■ EQUIPE DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini.

JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: impresso.comunicar@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

Análise: Diretor do Departamento de Filosofia, professor Luiz Camillo Osorio, ressalta a importância da reflexão

Desafios de pensar a ética contemporânea

Para Osorio, mudanças de paradigmas alteram a percepção da realidade

JP DE ARAÚJO



Professor ressalta que o papel da arte é liberar maneiras de perceber as realidades que não estão definidas

JULIA NOVAES

Pensar, continuamente, pensar. O mundo contemporâneo, com tantas mudanças de paradigmas, criou a necessidade de revisão constante das maneiras de se orientar. Os fatos não se encaixam mais em categorias de pensamento arcaicas, criando impasses éticos. É assim que o novo diretor do Departamento de Filosofia, professor Luiz Camillo Osorio, caracteriza os tempos atuais.

Para resolver esses impasses éticos, Osorio afirma que é preciso descobrir novas formas de percepção da realidade. Ele enfatiza que o ato de pensar é essencial e explica como a arte e a filosofia oferecem novas formas de ver a Ética.

– A Hannah Arendt (filó-

sofa alemã, de origem judaica), por exemplo, precisou criar um novo conceito, que chamou de banalidade do mal, para explicar uma conduta que a noção convencional não dava conta. Isso implica lidar com o fato na sua singularidade, e não na adequação a uma convenção que não dá mais conta – afirma.

A filosofia, segundo ele, tem papel central na produção dessas novas perspectivas. Com relação à ética, por exemplo, o professor diz que a ciência tem dois caminhos de análise.

– Existe a disciplina filosofia, sua história, que é uma maneira de tratar as questões éticas. Há o exemplo de Kant (Immanuel Kant, filósofo) e seu imperativo categórico, que determina que a minha ação tem que ser universalizável – eu

“
O papel da filosofia é fazer com que o parar para pensar seja constante”

Luiz Camillo Osorio

não posso agir de tal maneira que essa ação não possa ser feita por qualquer um. Podemos discutir esses exemplos à luz do presente. A filosofia pode ajudar as pessoas a pensarem fazendo esse painel histórico.

Segundo ele, a filosofia é como um exercício de pensamento cotidiano. Essa seria a atividade reflexiva que é, ou deveria ser, realizada por todos antes de agir.

– Acho que o papel da filosofia é fazer com que o parar para pensar seja uma exigência constante.

De acordo com Osorio, a arte também pode contribuir para a discussão ética. Ele considera que, quando o pintor e escultor francês Marcel Duchamp levou um mictório para dentro de uma exposição, houve uma ruptura no conceito de dimensão artística individual. A arte não estaria mais restrita a um conjunto de habilidades técnicas, mas ao fazer pensar. Qualquer um teria, assim, o potencial de ser criativo.

– Entramos em uma discussão ética. Todos estão aptos a criar um modo de vida adequado ao seu desejo e, ao mesmo tempo, esse desejo deve ser compatível com o desejo dos outros. Essa potencialidade criativa tornou-se um paradigma para a própria ética.

O professor comenta que, além da invenção existencial, a arte pode também criar novas formas de percepção da realidade.

– A arte promove discussão, vai na direção de um acordo ou desacordo, o que sempre libera novas formas de percepção. Eu acho que esse é o papel da arte, liberar maneiras de perceber a realidade que não estão categorizadas, pré-definidas.

Osorio ressalta ainda a importância de formar “cidadãos responsáveis com visão alargada do mundo”, pessoas que pensem de forma abrangente o lugar no mundo e na história. Ele aponta como a Universidade contribui para esse objetivo:

– Eu acho muito importante a PUC ter feito com que, na sua fundação, alguma disciplina de

filosofia fosse obrigatória para a formação de qualquer aluno, de qualquer centro. A ajuda que a filosofia pode dar às pessoas no ato de pensar é importante para qualquer cidadão.

De acordo com o novo diretor do Departamento de Filosofia, um dos papéis fundamentais da Universidade, nesse aspecto, é na formação de professores. Osorio conta que, devido à obrigatoriedade da disciplina no Ensino Médio, houve um aumento na demanda por vagas de licenciatura no Departamento.

– É preciso formar para o Ensino Médio, o que produz uma demanda por licenciaturas. A Universidade percebe a importância desses profissionais. Isso torna o programa da PUC mais competitivo.

► Trajetória de excelência

Luiz Camillo Osorio tomou posse do Departamento de Filosofia no dia 8 de março. Graduado em Economia pela PUC-Rio (1985), com diploma em História da Arte Moderna pelo Modern Art Studies de Londres (1988), Osorio fez mestrado (1991) e doutorado em Filosofia pela PUC-Rio (1998). Foi professor adjunto do Departamento de Teoria do Teatro e do programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO, entre 1994 e 2008.

O professor foi membro do conselho de curadoria do MAM de São Paulo, de 2007 a 2009, e curador do MAM do Rio, de 2009 a 2015. Atuou, também, como crítico de arte do jornal O Globo entre 1997 e 2008, e colaborou em publicações especializadas no Brasil e no exterior. Em 2015, foi curador do Pavilhão Brasileiro na Bienal de Veneza.

Comportamento: Riscos de se confiar em dados encontrados na rede

Desinformações no espaço virtual

Como referências na internet influenciam as relações sociais do mundo na atualidade

ARION LUCAS

Não faltam declarações alarmantes sobre como as incertezas em torno do que é ou não verdade dificultam o modo com que as pessoas lidam com informações na internet. Até mesmo pensadores como Umberto Eco, comumente defensor da livre expressão, chegou a afirmar que “redes sociais deram voz a legião de imbecis”. Mas não faltam aqueles que acreditam que essa nova troca de experiências, possibilitada pelo meio virtual, apenas reflita uma escala de desinformação já existente na realidade.

De acordo com a Coordenadora Acadêmica do Núcleo de Memória da PUC-Rio, professora Margarida de Souza Neves, a suposta falta de inteligência não é algo exclusivo da internet. Para ela, é possível que sejam ditas coisas desmedidamente em quaisquer outros meios, como rádio, televisão, jornais, e, por isso, tanto informações verdadeiras quanto falsas se encontram nas mais variadas áreas, inclusive na internet.

– A ferramenta não é boa ou má, mas o que fazemos dela. Não acho que a internet tenha piorado nada. Acho uma ferramenta fantástica, que facilitou nossa vida enormemente. Mas tem que se saber usar, como qualquer coisa na vida.

De acordo com o professor Rodrigo Nunes, do Departamento de Filosofia da Universidade, a lógica da internet é inversa ao filtro de credibilidade na imprensa tradicional. Segundo ele, o filtro da imprensa tradicional está na publicação, enquanto o da internet está na edição posterior ao texto já escrito, o que democratiza o acesso à reprodução de conteúdo tanto para o bem como para o mal.

– A internet deu voz a idiotas como deu voz a gente muito

interessante que não necessariamente teria sido publicada antes. Não vejo esses fenômenos como exclusivamente positivos ou negativos. O fundamental é distinguir o que é bom do que é ruim.

Para Nunes, a Wikipédia é um exemplo dessa nova lógica de filtragem, o que representa um tipo de fonte pela qual se deve começar uma pesquisa, mas não terminá-la. O professor avalia que, embora se trate de uma fonte valiosa de conhecimento, deve-se ter parcimônia ao utilizá-la, uma vez que qualquer um pode escrever qualquer informação na página. Ele acredita que o critério de pesquisa para se definir o que tem credibilidade na inter-

“
Temos que reinventar os métodos de ensino”

Margarida de Souza Neves

net é um processo individual de erro e acerto.

– As pessoas têm que, ao longo do tempo, identificar algumas fontes que são da sua confiança, checar se o veículo já não esteve equivocado no passado e ver se essa informação está aparecendo em outros sites grandes.

Margarida ressalta que a informação, qualquer que seja, deve ser antes medida, testada e criticada, independente da mídia em que se encontra. A professora defende a crítica à informação como um exercício de humildade intelectual que resulte em uma postura de saudável desconfiança. Nesse sentido, ela aponta que o papel dos educadores seria fundamental para

que novas gerações aprendam a testar informações por meio de comparação entre fontes e pesquisas sobre os autores originais.

– Temos que reinventar os métodos de ensino. Hoje, a escola tem que fazer com que essa geração, que tem a sorte de ter todo conhecimento disponível, saiba procurar a informação de forma pertinente, relacionar uma informação com a outra, saiba criticar essa informação.

Se a internet é um reflexo da realidade, talvez a própria internet estimule as relações sociais no mundo real, como em um círculo vicioso, acrescenta Nunes. Para o professor, em um Brasil que caminha para a polarização política, a desinformação se torna um elemento perigoso que pode servir para manipular discursos alheios.

– Cada pessoa vai tender a considerar confiável fontes que confirmam o que já acreditam. Mas, em todos os extremos, há pessoas cuja compreensão é construída por uma série de informações duvidosas e imagens incoerentes do que está acontecendo.

Tanto no real quanto no virtual, a escolha dos grupos de discussão dos quais determinada pessoa participa é outro ponto lembrado por Margarida. Segundo ela, colocar-se em um círculo de amizade, seja física ou virtual, cujo discurso dominante é maniqueísta, fortalece atitudes excludentes. Assim, sem acesso a opiniões divergentes, caminha-se rumo ao desrespeito para quem não faz parte do grupo.

– Ouvir quem pensa diferente de mim não é concordar, mas ouvir. Ouvir de verdade. Entrar na lógica do outro, perceber o que tem ali. No fundo, se você escolhe entrar num círculo onde todos pensam juntos, não se torna parte de um círculo de debate, mas de uma manada – conclui.

LEIA MAIS ON-LINE

Livros da solidariedade

GABRIEL MOLON



Sebo movimenta os pilotis do Edifício da Amizade. Dinheiro arrecadado com venda de livros será revertido para famílias pobres

Aquecimento global em pauta

NINA CARDOSO



Jornalista da Rede Globo Sonia Bridi esteve na Universidade para falar sobre as mudanças climáticas que atingem diversos países

Educação na Laudato Si'

ANA CAROLINA NUNES



Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., ministra palestra na Jornada de Docentes Católicos de Ensino Superior

Jornal da PUC on-line

A cobertura completa do que ocorre na Universidade pode ser conferida na página on-line do Jornal da PUC. Fique por dentro de tudo que movimenta o campus diariamente, como palestras, seminários, shows e demais atividades. Acesse nosso site.

www.puc-rio.br/jornaldapuc

ALINE RÍPOLI

Em meio a previsão alarmante do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) de que o número de novos casos de câncer no país ultrapasse 500 mil só neste ano, uma descoberta aponta novas possibilidades para o meio científico. Duas moléculas sintéticas, desenvolvidas por alunos de mestrado em Química da PUC-Rio, mostraram-se capazes de inibir o crescimento de células cancerosas.

As moléculas sintetizadas são denominadas isoflavonas modificadas e foram concebidas a partir de uma outra molécula chamada LQB-223, fruto da tese de doutorado da professora Camilla Buarque, do Departamento de Química, orientadora das investigações.

Uma das frentes de pesquisa é do aluno Jhony Maurício Cifuentes e apresentou bons resultados no tratamento de leucemia. O outro trabalho é da aluna Joseane Alves Mendes e revelou-se eficiente no combate ao câncer de mama.

Camilla explica que o processo de síntese dos compostos usa como base um produto natural. Segundo ela, conhecer o mecanismo de ação celular é fundamental.

– Nós pegamos uma substância que já existe na natureza. Essa substância é isolada em pequenas quantidades para fazer o que chamamos de caracterizar, mostrar quem ela é. Também identificamos anéis, carbonos, e testamos minimamente a biologia em uma célula. Feita a identificação, e com base nessa estrutura conhecida, o engenheiro molecular pode então sintetizá-la. O que nós fazemos aqui é sintetizar a molécula com aquele esqueleto, colocando diversos penduricalhos, e testar se esses outros penduricalhos melhoram a ação.

A origem das células cancerosas está associada a mutações no DNA, que podem ser passadas para os filhos (câncer infantil genético) ou acumuladas ao longo da vida (câncer esporádico). As pesquisas foram realizadas no Laboratório de Síntese Orgânica da PUC-Rio, em parceria com o Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais da UFRJ, e com o apoio do INCA. Em testes biológicos feitos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os compostos demonstraram serem capazes de interromper o ciclo celular na fase G2/M e in-

Estudo: Compostos alcançam bons resultados no combate à leucemia e ao câncer de mama

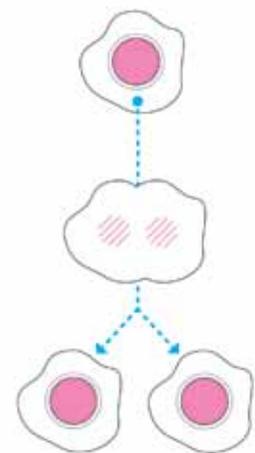
Novos aliados na busca pela cura

Testes apresentam substâncias capazes de frear o câncer



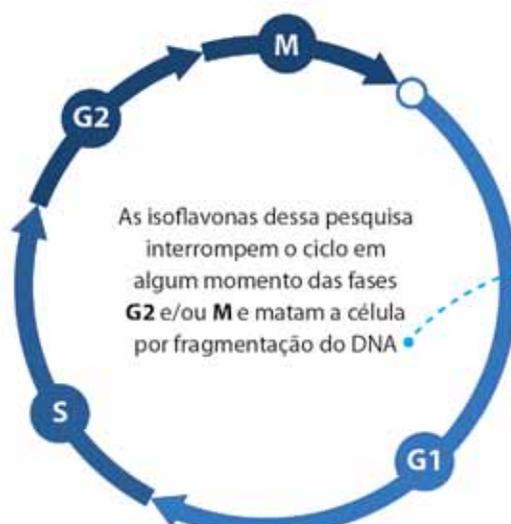
Ciclo Celular

É o ciclo de reprodução de uma célula, no qual ela se divide em outras duas células idênticas



Fases do Ciclo

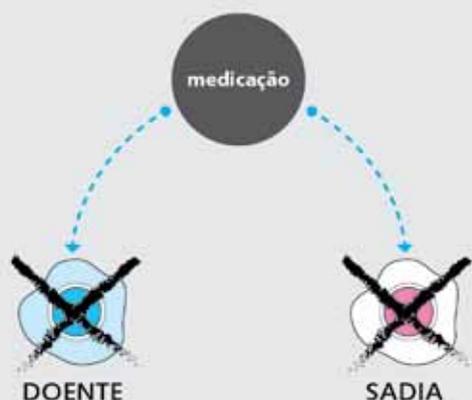
O ciclo celular passa por 4 fases



Índice Terapêutico

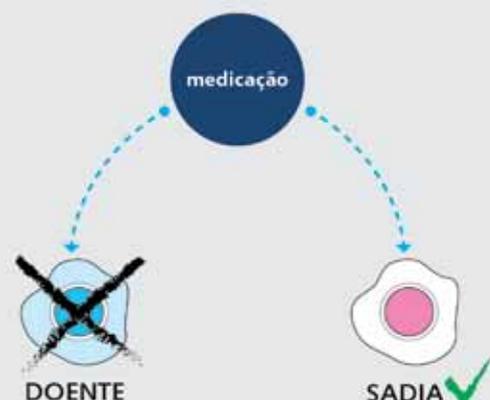
BAIXO ÍNDICE TERAPÊUTICO

Para matar as células doentes é preciso uma **alta concentração** do fármaco. Algumas medicações matam tanto as células doentes quanto as saudáveis



ALTO ÍNDICE TERAPÊUTICO

Mesmo com **baixa concentração**, os compostos desenvolvidos matam **somente as células doentes**



duzir à morte da célula por fragmentação do DNA.

As moléculas também superaram o chamado Mecanismo de Resistência a Múltiplas Drogas (MDR), uma combinação de diversos artifícios diferentes de resistência. Ainda não há um consenso entre os cientistas de como ou se as células desenvolvem resistência. Alguns defendem que as mais fracas morrem primeiro e são selecionadas as mais fortes. E as mais fortes de todas são as multirresistentes, que possivelmente funcionam como células-tronco do tumor. Os estudos referentes aos mecanismos de resistência à quimioterapia, que focam no ataque às células MDR, tentam eliminar essa população de células-tronco tumorais.

Segundo a professora, os compostos, quando testados em células de câncer e saudáveis, apresentaram alto índice terapêutico. Camilla explica que a dose deve ser suficiente para eliminar a célula doente, mas não pode matar a saudável.

– Se para matar a célula cancerosa é preciso uma dose cavalgar, e esta vai matar a célula saudável, não adianta. É preciso a menor concentração possível do fármaco para matar a célula de câncer e que não mate a célula saudável. E quanto menor a concentração do fármaco, melhor. Quanto maior o índice terapêutico, mais eficaz é o fármaco.

De acordo com a orientadora, o próximo passo será avaliar os compostos com outros testes. Para isto, a equipe de pesquisadores aguarda a liberação de recursos financeiros pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

– Precisamos dos órgãos de fomento. Os testes já estão inscritos em projetos, já foram aprovados, mas dependem do dinheiro, por isso não há previsão para começar.

Legado: Apesar de terem sido investidos mais de R\$ 640 milhões de recursos públicos e privados para despoluir a Baía de Guanabara

Cartão postal abandonado à própria sorte

Segunda maior baía no litoral do Brasil tem 16 municípios em volta



MATHEUS PAULO MELGAÇO

Antes considerada pela população um esgoto a céu aberto, a baía de Sidney, na Austrália, se tornou o maior legado ambiental para os cidadãos australianos após a Olimpíada de Sidney, em 2000. Já no Rio de Janeiro, a Baía de Guanabara, onde será a competição de vela, não terá o mesmo destino. Um dos principais cartões postais da cidade tem os velhos problemas ambientais que já chamavam a atenção muito antes do Rio ser escolhido como sede do maior evento esportivo do mundo.

Beirada por 16 municípios e fonte de renda para muitas famílias, a Baía de Guanabara acumula problemas como a falta de saneamento básico em áreas no entorno e o tratamento do esgoto.

Na década de 1990, o Governo do Estado do Rio de Janeiro lançou o Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG), com o objetivo de melhorar as condições sanitárias e ambientais da Região Metropolitana. No entanto, 20 anos depois, o que a população fluminense observa é que pouco foi feito pelos órgãos públicos.

Professor Renato Carreira, do Departamento de Química, explica que o PDBG foi um grande planejamento de saneamento básico desenvolvido es-

Já foram investidos cerca de R\$ 2,5 bilhões para despoluir as águas da Baía de Guanabara

abara, a situação da água continua crítica. A poucos meses dos Jogos Olímpicos de 2016, Governo lança novo projeto para local

trutar a coleta de esgoto, controle de poluentes ambientais e um banco de dados para a gestão ambiental. Carreira aponta que, em termos práticos, não houve o avanço esperado. Para ele, uma das causas é a descontinuidade de projetos devido à influência política na gestão da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE).

– As grandes empresas que poluíam na década de 1980 e 1990 foram enquadradas e reguladas. Por outro lado, nos últimos anos, a questão do esgoto piorou, os rios que desaguam na baía são grandes valões de esgoto a céu aberto. Como a CEDAE é uma empresa pública, há influência política. Muda o governo, a empresa muda sua direção, política e diretriz.

De acordo com o mesmo órgão, responsável pela execução das obras, controle do sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário, já foram investidos cerca de R\$ 2,5 bilhões em recursos públicos e privados. Um dos maiores investimentos, a Estação de Tratamento e Esgoto – Sistema Alegria (ETE), no Caju, embora esteja preparada para receber 5 mil litros de esgoto por segundo, atualmente opera com metade desse número. Segundo a CEDAE, há uma dificuldade para construir redes de saneamento básico que liguem as áreas de construção desordenada ao sistema de tratamento. O principal objetivo é que a ETE Alegria colete o esgoto de diversos lugares como a região da Grande Tijuca, São Cristóvão, Méier, Engenho de Dentro, Del Castilho, Cachambi, Manguinhos, Bonsucesso, Riachuelo, Mangueira e Complexo da Maré.

Para o professor Renato Carreira, se a ETE Alegria estivesse funcionando plenamente, reduziria os resíduos poluentes despejados na Baía de Guanabara.

– Os canais do Cunha e do Mangue vão deixar de receber esgoto, e, em decorrência disso, a Baía de Guanabara deixará de receber resíduos poluentes. É preciso olhar o entorno da baía. Se sanearmos os rios que ficam no entorno, será um grande avanço – conclui.

Medalhista olímpico dos Jogos de Seul, na Coreia do Sul, e dos Jogos de Atlanta, nos Estados Unidos, Lars Grael se mostra decepcionado com o tratamento que as autoridades públicas tiveram com a poluição na Baía de Guanabara. Para

ele, as competições de vela deveriam ocorrer na cidade de Búzios, por ser uma raia reconhecida como uma das melhores do mundo em termos de qualidade de ventos e ondas, além da qualidade da água.

– Pessoas do mundo inteiro treinam em Búzios. Embora a Baía de Guanabara seja um local de grande importância na prática da vela, além de ser uma raia difícil, com grandes variações de ventos e marés as condições sanitárias e ambientais não são as ideais – acrescenta.

Grael ainda afirma que “é uma vergonha” para o país um problema que se estende por tanto tempo. Ele diz que a agenda ambiental olímpica está comprometida, pois, segundo o velejador, outros lugares sofrem com o mesmo problema,

“
É preciso olhar o entorno da Baía, se sanearmos os rios será um avanço”

Renato Carreira

como a Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul da cidade, que recebe as competições olímpicas de remo, canoagem e para-canagem. Ele ainda critica o excesso de poluição da baía.

– Naveguei em muitos lugares do mundo com o Torbem Grael, mas nunca vimos um lugar tão sujo. É nítido a água feia e a alta concentração de detritos flutuantes. É bastante desagradável para o atleta.

Em 2012, para intensificar e ampliar o projeto de despoluição da Baía de Guanabara, foi iniciado o Programa de Saneamento Ambiental dos Municípios do Entorno da Baía de Guanabara (PSAM). Segundo o documento da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, o projeto tem o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em parceria com o Governo do Estado. Ao todo, as fontes de recursos financeiros chegam a R\$ 640 milhões. Uma das metas do programa é construir redes de esgotos do bairro Cidade Nova até o ETE Alegria e corrigir os lançamentos irregulares dos sistemas de esgotos que ligam os coletores Tijuca/ São Cristóvão à Estação Alegria. A medida fará com que a maior estação de tratamento de esgoto receba um acréscimo de 1.250 litros de esgoto por segundo.

A Secretaria de Estado do Ambiente (SEA), por meio da Assessoria de Imprensa, afirma que as ações do PSAM envolvem tanto investimento no apoio às prefeituras quanto à promoção de políticas públicas de saneamento. A Secretaria destaca que o diferencial do atual programa para o PDBG é que, no primeiro projeto, há uma preocupação com os municípios do entorno da baía. Um dos exemplos dessa preocupação são os dez Planos Municipais de Saneamento Básico (PMSBs). Conforme a Secretaria, o objetivo é estudar medidas de curto, médio e longo prazo, levando em consideração as áreas carentes em saneamento básico. Ainda de segundo a SEA, com a elaboração desse suporte e o término das obras que vão conectar centros coletores às estações de tratamento, canais como o do Mangue deixarão de despejar mil litros de esgoto por segundo na Baía de Guanabara.

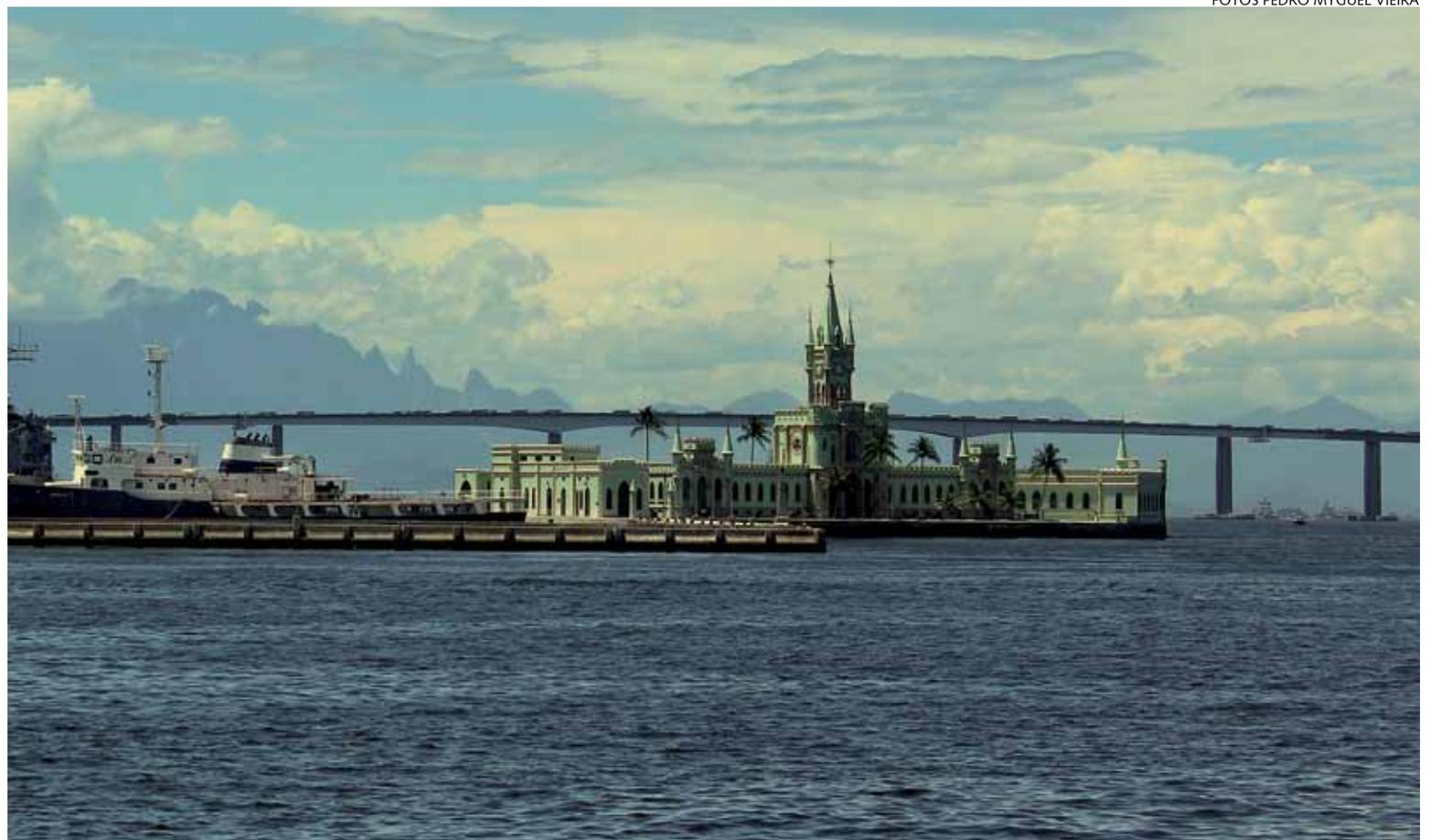
A SEA esclarece também que a perfuração do tronco da Cidade Nova, no Centro, iniciada em novembro do ano passado, vai conectar o Centro do Rio de Janeiro à estação de tratamento Sistema Alegria. A meta é ampliar esse sistema com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Pesquisa e tecnologia para despoluir

Em agosto do ano passado, o Governo do Estado do Rio de Janeiro criou o Observatório da Baía de Guanabara para a despoluir o local nos próximos 15 anos. O projeto tem o apoio de dez centros de pesquisa, sete deles de universidades fluminenses como a PUC-Rio, a UFRJ e UERJ. O acordo vai permitir a elaboração de diagnósticos sobre as condições ambientais e socioeconômicas da baía. A SEA ressalta a importância do Convênio de Cooperação Técnica para governança da Baía de Guanabara, que tem como exemplo a gestão da Baía de Chesapeake, nos Estados Unidos, uma referência de gerenciamento e de experiência sustentável bem sucedida.

Segundo a SEA, o objetivo do Convênio de Cooperação Técnica é estabelecer metas, integrar diferentes instâncias governamentais com a iniciativa privada, motivar a participação da população e de centros de pesquisa, a partir da elaboração de estudos científicos de apoio. Destaca ainda que a experiência da baía americana demonstra que só desta forma a governabilidade da Baía de Guanabara será realmente eficaz e inclusiva para os municípios ao redor dela.

FOTOS PEDRO MYGUEL VIEIRA



Para intensificar e ampliar o programa de despoluição da Baía de Guanabara, foi iniciado o projeto de saneamento dos municípios do entorno

Estudo: Professora discute questão da desigualdade de gênero no Rio

O Estado e a luta contra a violência



GABRIELE ROZA

Três décadas das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, dez anos da Lei Maria da Penha e um ano da Lei do Feminicídio. O ano de 2016 é ideal para analisar as políticas públicas de combate à violência contra a mulher. Mas, alerta a professora Luciene Medeiros, do Departamento de Serviço Social, é necessário ainda obter outras conquistas para que a mulher brasileira tenha os direitos totalmente respeitados. Por isto, Luciene acaba de concluir um estudo, que foi transformado no livro *Em Briga de Marido e Mulher, O Estado Deve Meter a Colher* (Editora PUC e Editora Reflexão, 268 páginas).

Na obra, a professora, que também é conselheira no Fórum Municipal dos Direitos da Mulher, no município de Duque de Caxias, apresenta estratégias de ação para formular a agenda governamental dos direitos da mulher no Estado do Rio de Janeiro, a partir da década de 1970 até 2006, com a criação da Lei Maria da Pe-

nha (Lei 11.340). A professora lembra que a lei foi um marco importante, pois estabelece que todo caso de violência doméstica e intrafamiliar é crime. Mas, observa Luciene, as políticas públicas que abordam a violência contra mulher devem ser pensadas no âmbito da desigualdade de gênero.

– Quando falamos de violência contra mulher, falamos de uma expressão da desigualdade de gênero na sociedade brasileira, no estado do Rio de Janeiro especificamente. É a expressão mais dramática dessa desigualdade, porque eu estou lidando com vida e morte. Mata-se nesse país mulheres pelo fato de serem mulheres.

Apesar dos avanços, Luciene acredita que o Rio passa por crise e descaso do Governo do Estado para lutar contra esse tipo de violência. O Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim), que de 1986 a 2006 foi o principal protagonista para criar e implementar as políticas públicas, está fechado. Luciene ressalta também que só foram abertas, desde a criação, em 1986, 14

Obra analisa histórico de políticas públicas pelos direitos das mulheres

Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher no Rio de Janeiro – o número mínimo deveria ser 55 –, o que coloca as vítimas em situação de vulnerabilidade e risco.

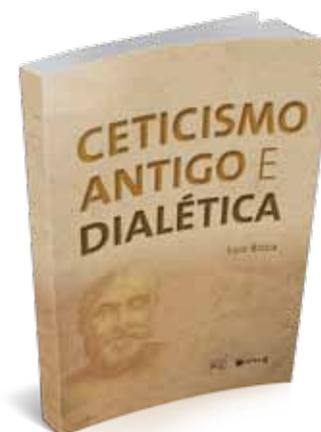
– Acaba demonstrando que o que temos é insuficiente. São as Delegacias Especializadas que são preparadas, em tese, para atender essas mulheres vítimas de violência de gênero. Há também o Cedim, que está totalmente precário. Em um momento de 30 anos de toda essa história, o maior interlocutor (Cedim) está fechado. É triste ver a precariedade de um serviço historicamente importante nesse enfrentamento, espero que o livro contribua para levantar essa discussão.

Luciene entende que ainda estamos longe de uma cultura de igualdade de gênero. De acordo com ela, o ditado popular “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, usado como trocadilho no título do livro, é uma expressão de uma cultura patriarcal que torna comum e cotidiana a violência contra a mulher. Para ela, o combate à violência de gênero é a longo prazo e necessita de um esforço de toda a sociedade.

– Estamos no momento de tentar garantir os direitos já conquistados há décadas, mas ainda temos muito a fazer. Precisamos de campanhas, precisamos discutir o tema em nossas relações microssociais, e pensar até que ponto eu contribuo para a desigualdade e para que essa violência aconteça. No campo cultural, leva tempo, e é um trabalho de cada um de nós.

NA ESTANTE

Editora PUC



Ceticismo Antigo e Dialética

A obra de Luiz Bicca é resultado da pesquisa realizada por ele no pós-doutorado em Filosofia na PUC-Rio. O trabalho dá continuidade ao livro *Ceticismo e Relativismo*, de 2012. O autor examina as raízes do pensamento cético na Filosofia Antiga. Ele também discute o ceticismo pirrônico desde a influência recebida dos mestres yogi da Índia até as diversas interpretações do Helenismo.



Ceticismo e criticismo: a ideia de uma ciência da ciência em geral

O volume reúne três textos do filósofo Johann Gottlieb Fichte: a resenha de Enesidemo (1793), a cópia de Lavater das preleções de Zurique sobre o conceito da doutrina da ciência (1794) e o opúsculo *Sobre a dignidade do homem* (1794). O material foi traduzido e organizado por Ricardo Barbosa e mostra como Fichte é pensador historicamente decisivo para a filosofia moderna.



Teologia e literatura: afinidades e segredos

Teologia e literatura: afinidades e segredos compartilhados aponta a relação entre duas áreas, com textos da Vice-Decana do CTCH, professora Maria Clara Bingemer. No livro, a teóloga discute a relação entre poesia e teologia, com uma parte dedicada à literatura brasileira e a outra à estrangeira. A presença feminina predomina no livro, com textos de autoras como a poeta Adélia Prado e Simone Weil.



Gestão local de recursos hídricos: uma reflexão para o Rio de Janeiro

O e-book *Gestão local de recursos hídricos: uma reflexão para o Rio de Janeiro* é um trabalho para educar e conscientizar um novo padrão de atitude com as águas do planeta. Os professores Danielle de Andrade Moreira, Luiz Felipe Guanaes Rego e Maria Fernanda Campos Lemos, da PUC-Rio, são os organizadores e responsáveis por reunir textos multidisciplinares que abordam o tema da gestão hídrica.

Cinema: Depois da reabertura em 2015, o gerenciamento do espaço, na Cinelândia, volta para o Grupo Severiano Ribeiro

90 anos de tradição e memória

Cine Odeon preserva história e cria nova proposta como centro cultural



JULIANA VALENTE

beu o Festival de encontro de cinema negro e o Festival de cinema gay, entre outros.

– Com o Festival do Rio, que durou duas semanas, o público foi intenso e muita gente soube que o Cine Odeon ainda estava aberto. A proposta como centro cultural tem atraído mais gente. Não ficamos só restritos aos filmes – diz a produtora.

Manter um cinema de rua no século XXI é uma tarefa difícil. O Odeon sobrevive hoje com a bilheteria e o aluguel do espaço para os festivais. O estabelecimento é parceiro de outras casas de cultura: um ingresso de cinema do Odeon garante meia-entrada no Circo Voador e vice-versa. O mesmo ocorre com o CCBB. O Odeon tem convênio com univer-

“
No Cine Odeon é que foram lançados os grandes filmes da história”

Miguel Pereira

Cinema Odeon, transformado em Centro Cultural Luiz Severiano Ribeiro, exhibe filmes, mostras, óperas e até transmissões de jogos de futebol

GABRIEL FRANCO

Único cinema sobrevivente da Praça Floriano Peixoto, na Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro, o Cine Odeon completa 90 anos neste mês de abril. Área idealizada para ser uma Broadway brasileira, pelo espanhol Francisco Serrador, a região tomou a forma que tem hoje nos anos 1920, quando o imigrante comprou o terreno. A partir daí, foi construído um complexo de 11 cinemas até a década de 1940, e o local foi batizado com o nome pelo qual é conhecido até hoje. Mas entre os muitos cinemas que foram inaugurados, como o Cineac Trianon, o Cinema Parisiense, o Império, o Pathé e outros, apenas o Odeon sobreviveu e manteve a memória de uma época.

O espaço foi inaugurado com som diferenciado, poucas décadas após o cinema ter sido inventado, pois, nos anos 1940, os filmes já eram em estéreo. Em quase um século de história, o Odeon já foi fechado para reformas algumas vezes. Na última, em 2014, o estabelecimento voltou a ser administrado pelo Grupo Severiano Ribeiro, que era responsável pelo local desde a abertura até a década de 1990, quando foi transferido para o Grupo Estação.

A obra promoveu a manutenção de todo o estilo e tradição, mas colocou em prática algumas mudanças. O Odeon agora é um centro cultural e também exhibe óperas, festivais, mostras e até transmissões de jogos de futebol em

uma sala com capacidade para 550 pessoas – 320 no térreo e 230 no mezanino.

Para o Coordenador do curso de Cinema da PUC-Rio, professor Miguel Pereira, o Odeon não é só o carro-chefe da Cinelândia, mas cumpre um papel importante na história do cinema brasileiro.

– No Cine Odeon é que foram lançados os grandes filmes da história mundial e brasileira. É um cinema de um grupo de exibição 100% nacional, que também se tornou produtor de um momento importante para a cinematografia do Brasil com a chanchada – afirma Pereira.

Na reabertura, em maio de 2015, aspectos importantes da estrutura foram preservados, como o lustre na sala de exibição. O sino ainda toca, as

cortinas se abrem e a sessão começa. E para retornar à tradição, funcionários da bilheteria e os lanterninhas agora usam uniformes de época. Uma das principais novidades foi o conceito de multiprogramação. O espaço não exhibe um filme em quatro sessões, mas quatro filmes diferentes em quatro sessões e sempre alternando durante a semana. A cada semana, novos filmes entram em cartaz.

A nova proposta como centro cultural também trouxe para a sala uma variedade maior de público. Segundo a produtora de programação do Odeon Fernanda Oliveira, os festivais atraem pessoas de nichos sociais diferentes. O cinema abriga o Festival do Rio, o Animamundi e, em 2015, rece-

sidades como a PUC-Rio que, além de aulas inaugurais do curso de Cinema, exibiu em 2015 filmes produzidos pelos alunos das disciplinas de Projeto 1 e 2.

Segundo Pereira, o cinema de rua ainda tem futuro. Para ele, o Rio é uma cidade agradável para se andar e sempre vai existir um público que prefere assistir aos filmes sem o excesso de marketing dos shoppings e sem pipoca.

– O Odeon, com a reforma, consegue competir com outros cinemas de rua e de shopping porque ele é absolutamente rentável. Ele começou a dar renda porque mudou completamente e virou centro cultural. Tem como você manter o cinema e todo mundo vê o Odeon hoje por causa do letreiro.

Sonho: Curta-metragem de ex-aluno do curso de Cinema será exibido em sessão Short Film Corner no mês de maio

Olhos voltados para o Festival de Cannes

ANA CAROLINA SALVADOR

Obra aborda relações familiares e a questão do bullying

Ter uma obra selecionada no Festival de Cannes é um sonho para quem faz cinema. Algo que parecia distante para Victor Fiuza, 25 anos, ex-aluno da PUC-Rio. Difícil, mas não impossível. Em maio deste ano, o curta-metragem que ele escreveu e dirigiu, *Os olhos de Cecília*, será exibido na sessão Short Film Corner do festival. Produzida e filmada em 2014, com uma equipe de alunos recém-formados da PUC-Rio, a obra começou a ser desenvolvida para a disciplina Projeto de Filme II, quando Fiuza ainda era aluno do curso de Cinema.

A Short Film Corner é uma área de networking e negócios voltada à criação de canais para distribuição de curtas, na qual é possível ter acesso a produtores de diversas partes do mundo e organizar exibições no mercado de Cannes. Além disso, os filmes que participam desta mostra estarão disponíveis em uma biblioteca virtual para possíveis negociações.

Fiuza inspirou-se em ambientes e pessoas da família, principalmente na história de uma tia. A narrativa gira em torno de Cecília, uma menina de 8 anos, moradora da periferia do Rio de Janeiro, que enxerga só com um dos olhos e decide voltar à escola depois de algum tempo afastada por causa de bullying. O curta também aborda a questão da violência familiar.

A menina Maria Victorya Manzi Sant'Anna ganhou o prêmio de melhor atriz no 4º Festival de Cinema de Santo Ângelo, em 2015, como protagonista do filme. Maria Victorya trabalhava como modelo e atuava em comerciais. Para Fiuza, ela foi um elemento essencial para o filme ser contemplado nos festivais, pois já tinha uma postura profissional, queria estar ali, mesmo com a rotina intensa de quase um dia inteiro de trabalho.

– Os pais não só entendem como apoiam, quase viraram



DIVULGAÇÃO



Na foto maior, cena da personagem Cecília e da mãe antes de a menina voltar ao colégio

Victor Fiuza e Eric Platenik relatam as dificuldades de fazer um curta independente

parte da equipe e divulgam mais o filme do que a gente. Eles descobriram que Maria tinha realmente vocação por causa desse filme, durante os cinco dias no set. Quando a vi no teste de elenco, já percebi que era uma garota especial, ela realmente brilha – afirma.

A atriz mirim também con-

seguiu driblar outras dificuldades com profissionalismo, como gravar durante 12 horas com a maquiagem que deixava o olho esquerdo fechado. Maria Victorya conseguiu ainda colocar em Cecília um pouco do racismo que viveu quando se sentiu oprimida e isolada por ser a única negra na turma que estudava.

Produtor do curta e também ex-aluno da Universidade, Eric Platenik, 26 anos, diz que se deparou com alguns desafios nesse trabalho de início de carreira. Platenik conta que outra dificuldade foi conseguir as locações, pois as pessoas achavam que, por estarem produzindo um filme, eles tinham recursos.

– Fazer um filme sem verba é muito difícil, está todo mundo trabalhando no amor, temos que prestar atenção em todos e, para as pessoas trabalharem bem, tem que ter comida no set, mesmo sem dinheiro.

Com um custo de R\$ 10mil, *Os olhos de Cecília* é uma produção independente, com verba obtida entre os amigos que participaram da realização. Segundo Platenik, angariar recursos para um curta-metragem é uma empreitada difícil porque, ao contrário dos longa-metragens, é um tipo de produto que raramente gera retorno.

O elenco ensaiou durante três meses e gravou por cinco dias em lugares como Bangu, Morro do Salgueiro, na Tijuca, e Ilha do Governador. O diretor diz que queria mostrar uma visão incomum das paisagens da periferia, com um olhar poético e afetivo.

Atualmente, Fiuza é coordenador da área de vídeos na Agência de Conteúdo Estratégico 14, e Platenik é sócio da produtora Photoescrita Filmes. Os dois já fizeram outro filme, *As asas de Cândido Gabriel e seu amigo Tiago*, que está em processo de edição.

Mudança: Segundo com a Prefeitura do Rio, os percursos de 54% dos ônibus que circulam na Zona Sul eram parecidos

Busca por tráfego eficiente

Racionalização dos ônibus causa transtorno para usuários no dia a dia

FOTOS FERNANDA SZUSTER



Novas linhas de ônibus foram implementadas na cidade e renomeadas para troncais, integradas e circulares

é negativo e que, na prática, a mudança beneficia as empresas de ônibus.

– Todos nós percebemos que havia uma certa irracionalidade no número de ônibus que trafegavam no Rio de Janeiro, mas a maneira como foi feita a mudança privilegia mais as empresas de ônibus que aos usuários, porque os chamados troncais passam em um eixo onde passariam cinco ônibus.

“
A mudança privilegia mais as empresas de ônibus que os usuários nas ruas
”

José Eugenio Leal

– Definitivamente, a mudança não me favoreceu. Para ir à Universidade eu pegava o 410 na porta da minha casa. Agora, preciso sair mais cedo de casa porque ando de dez a quinze minutos até o metrô. Sem contar o aumento da passagem do metrô que, no fim das contas, faz uma diferença no orçamento – detalha.

Integrante do Movimento Pare o Aumento, o estudante Fabrício Mangue, de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), acredita que o projeto está atrelado ao financiamento privado nas campanhas eleitorais. Além disso, o estudante diz que a racionalização prejudica moradores de outros lugares se deslocarem para a Zona Sul.

– É um favor que a esfera pública devolve aos seus financiadores de campanha. O Movimento Pare o Aumento acredita que a cidade está segregada socialmente, pois os equipamentos sociais e culturais da cidade se encontram em sua maioria na Zona Sul e região central da cidade – alerta.

Reclamações de passageiros

Por causa do aumento de reclamações pelo número 1746, canal de comunicação oficial da Prefeitura com o cidadão, a Secretaria Municipal de Transportes decidiu alterar o trajeto de algumas linhas de ônibus. No total, a mudança ocorre em 11 linhas: 309, 433, 435, 455, 464, 517, 497, Troncal 2, Troncal 7, Troncal 8 e Troncal 10. A troca beneficia moradores da Grande Tijuca, Méier, Botafogo, Lagoa, Lapa, Barra da Tijuca e Jardim Botânico. A modificação, segundo a SMRT, ainda ocorre na frequência de saída dos ônibus do terminal. A secretaria promete aumentar em cerca de 25% a frota dos ônibus para reduzir os intervalos das viagens e, em consequência, a espera dos passageiros nos pontos de ônibus.

No site www.rio.rj.gov.br/web/smtr/racionalizacao, a Prefeitura colocou uma tabela com todas as linhas criadas, extintas e encurtadas.

ciente e descongestionar os corredores preferenciais de ônibus. Para isso, a Secretaria afirma ter realizado um estudo, o qual mostrou que 54% das linhas de ônibus que circulam no Rio tinham mais de 50% dos percursos parecidos ao longo dos itinerários.

A consequência do projeto é a troca dessas linhas por um conjunto de novos serviços denominados troncais, circulares e integradas. O processo de substituição começou em outubro do ano passado e foi dividido em três fases e diversas etapas, com o término previsto para o início deste ano. Ao todo, 20 linhas foram criadas – dez troncais –, 20 tiveram os trajetos encurtados e 49 foram extintas.

Segundo o Diretor do Departamento de Engenharia Industrial, professor José Eugênio Leal, a racionalização das linhas dos ônibus não está tecnicamente embasada. Para ele, seria preciso conhecer de forma mais profunda as particularidades das regiões. Além disso, o engenheiro ressalta que o impacto para o usuário

Mas a pergunta que fica é: Ele substitui cinco ônibus? Vai ter uma frequência satisfatória? Provavelmente não, porque a ideia é racionalizar – afirma.

Assim como Fatima Viana, as estudantes Gabrielle da Costa, 21 anos, de Design, e Verônica Rodrigues, 25 anos, de Engenharia, ambas da Universidade, também foram afetadas negativamente. Embora Gabrielle more na Zona Oeste e Verônica na Zona Sul, a reclamação é a mesma: elas têm saído mais cedo de casa e esperado por mais tempo.

– Os ônibus estão demonstrando, existem nas ruas e passam sempre cheios. A mudança só piorou. Antes, eu pegava o 318 ou 565 na Avenida das Américas. Agora, tenho que esperar um integral passar – relata Gabrielle.

Já Verônica, que mora no Flamengo, acredita que a mudança também não favoreceu o trajeto casa-universidade. Se antes ela esperava o ônibus em frente a casa dela, agora tem que andar para pegar o metrô e depois o metrô de superfície até a PUC-Rio.



Passageiros alegam que houve diminuição na frequência dos coletivos

MATHEUS PAULO MELGAÇO

Antes do início da racionalização dos ônibus que circulam na Zona Sul do município do Rio de Janeiro, Fatima Viana, 46 anos, pegava apenas um ônibus, próximo a casa dela, na Cidade de Deus, Zona Oeste, para ir à PUC-Rio, onde trabalha como ascensorista. Agora, com a mudança, ela precisa pegar dois: um para

o Terminal da Alvorada, na Barra da Tijuca, e outro até o local de trabalho, na Gávea. O caso de Fatima é apenas um exemplo das consequências das mudanças nas linhas de ônibus que passam pela Zona Sul da cidade.

De acordo com a Secretaria Municipal de Transportes (SMTR), o projeto tem como objetivo tornar o sistema de transporte público mais efi-

ZIKA DENÚNCIA

Aedes aegypti



AGÊNCIA.COM/PUC-RIO

PROCURADO

Nome: *Aedes aegypti*.

Características: mosquito com listras pretas e brancas.

Crimes: transmissor de dengue, chikungunya e zika.

Esconderijos conhecidos: água parada (poças formadas pelo ar-condicionado, garrafas descartadas destampadas, vasos sanitários abertos, entre outros).

Ajude a combater esse elemento perigoso no nosso Campus.

Denuncie: WhatsApp 99276-4003

Telefones 3527-2122 e 3736-2122

**Acesse o link www.goo.gl/LN2HOY
preencha e envie o formulário.**

